

Coleção Atualização em Parasitologia

Vol.1, nº 1, 2011

Acompanhamento anual da dinâmica das infecções por helmintos intestinais em cães: uma avaliação do protocolo de tratamento trimestral

R. O. OLIVEIRA¹ & V. LESTINGI²

Introdução

Muito tem se falado das zoonoses transmitidas por animais de estimação. E essa preocupação é recorrente e justificada, dada a associação íntima e restrita entre o homem e os animais. Considerando a importância das infecções por helmintos intestinais de cães, muitos estudos têm sido feitos para estabelecer medidas de controle e profilaxia dessas parasitoses.

Um estudo completo e muito interessante feito por pesquisadores da Universidade de Berna, Suíça, e publicado na renomada revista *Parasitology Research*, buscou principalmente analisar a dinâmica da infecção por helmintos em cães (algo até então pouco estudado).

Na introdução do artigo os autores chamam a atenção para a importância do estudo, já que naquele país (assim como no Brasil) as parasitoses em cães e gatos são consideradas um problema. É citado que na Europa, e mesmo em países de com boas condições higiênicas - sanitárias, o nematódeo *Toxocara canis* representa um risco considerável, especialmente em crianças (MAGNAVAL et al. 2001). Algumas pesquisas mostraram

uma soro-prevalência de até 6,5% de infecções por *Toxocara* em humanos (STURCHLER et al. 1986; JACQUIER et al. 1991). Outros helmintos intestinais zoonóticos de cães presentes na Europa central citados no trabalho são: *Echinococcus* spp. (ECKERT & DEPLAZES 2004), *Trichuris vulpis*, *Ancylostoma caninum* e *Uncinaria stenocephala*.

Segundo os autores, o maior componente para a contaminação ambiental por estes parasitas é a eliminação dos ovos nas fezes dos cães, disseminando assim formas infectantes no ambiente. Por isso, medidas de controle do risco da infecção em humanos devem enfatizar: 1) tratamento adequado para eliminação total dos vermes dos cães; e 2) minimização do risco da contaminação fecal em locais públicos, principalmente parques, playgrounds ou outros espaços de lazer infantil. Para atingir este último objetivo, os proprietários devem sempre recolher as fezes de seus animais, enquanto os veterinários devem aconselhar sobre a medicação e a frequência dos tratamentos anti-helmínticos necessários.

Metodologia e Resultados

O trabalho foi dividido em 2 etapas: num primeiro momento o trabalho analisou a prevalência de helmintos em 505 cães, sendo 470 selecionados por veterinários em sua prática clínica, ou seja, animais com atendimento regular. Os 35 restantes eram cães de fazendas leiteiras. Todos os animais foram examinados, e apresentavam bom estado geral de saúde. Amostras de fezes foram coletadas diretamente do reto, durante o exame geral realizado pelo médico veterinário. Além dessa análise, foi solicitado que cada proprietário respondesse a um questionário para fornecer informações sobre seus cães, com perguntas sobre a forma de criação, hábitos alimentares e tratamentos anti-helmínticos antes administrados.

Após análise coproparasitológica do material coletado, 99 cães (16,9%) tinham pelo menos uma espécie de helminto detectável nas fezes. Os parasitas mais encontrados foram: *T.canis* (6,9%), ancilostomídeos (6,9%), *T.vulpis* (5,5%), *Toxascaris leonina* (1,3%), família Taeniidae (1,3%), *Capillaria* spp. (0,8%) e *Diphyllobothrium latum* (0,4%). Múltiplas infecções com 4, 3 ou 2 espécies diferentes

foram encontradas em 16 cães.

Paralelo a esses resultados estão as respostas do questionário: 26,9% dos cães com ovos nas fezes eram provenientes de fazendas, enquanto que a prevalência para cães de área urbana foi de 16,6%. Apenas uma minoria dos cães (12,7%) não recebeu qualquer tratamento anti-helmíntico, enquanto 73,1% foi tratado 1 ou 2 vezes no ano. A parcela restante dos animais era tratada mais do que 2 vezes por ano (14,2%). Em relação à alimentação dos cães, 19,6% dos animais recebiam carne fresca sem cozimento prévio. Uma boa parte dos proprietários (60,9%) disse que não tinham controle permanente da alimentação dos seus cães, e que existia a possibilidade de que o animal caçasse pequenos roedores, tivesse acesso a restos de comida, se alimentado de carne podre e lixo, por exemplo. Entre esses cães, a prevalência de ovos de helmintos foi 25,1%. Já a prevalência nos cães com hábitos alimentares "controlados" foi significativamente menor, com de 14,1% de infectados.

¹Médico Veterinário, Mestre em Parasitologia pelo ICB-USP.

²Médico Veterinário, Departamento Técnico, Quiron Comunicação.

Coleção Atualização em Parasitologia

Vol.1, nº 1, 2011

Acompanhamento anual da dinâmica das infecções por helmintos intestinais em cães: uma avaliação do protocolo de tratamento trimestral

R. O. OLIVEIRA¹ & V. LESTINGI²

Metodologia e Resultados (continuação)

O segundo momento do trabalho buscou analisar a dinâmica da infecção por helmintos e os efeitos dos tratamentos. Os veterinários que participaram do estudo escolheram 111 cães saudáveis, dentre os 470 já selecionados por eles, para receber um esquema de tratamento anti-helmíntico definido. Durante 12 meses esses animais receberam uma combinação de pirantel,

praziquantel e febantel na dose indicada pelo fabricante do medicamento, a cada 3 meses. A incidência anual de helmintos nas fezes desses animais foi de 11 a 32%, dependendo do parasita encontrado. Mais da metade dos cães (56,8%) eliminaram ovos nas fezes pelo menos uma vez no ano.

Discussão

Os resultados de prevalência desse trabalho mostraram que, assim como no Brasil (OLIVEIRA et al., 2009; LORENZINI et al., 2007; VASCONCELLOS, BARROS & OLIVEIRA, 2006), os parasitas intestinais mais encontrados na Suíça foram *T.canis* e *Ancylostoma* spp. Um dos pontos que chamou a atenção foi que não houve diferenças significativas de parasitismo relacionadas a idade dos animais estudados. Especialmente em relação ao *T.canis*, o qual é frequentemente descrito como um parasita típico de filhotes, nesse estudo não foi encontrado em animais menores de 1 ano. Isso pode ser parcialmente explicado pelo fato do tratamento anti-helmíntico ser mais "lembrado" pelos proprietários nessa fase da vida dos animais, já que todos os cães do estudo com essa idade já tinham recebido ao menos um tratamento.

Um outro achado de grande relevância nesse estudo, foi o da possível reinfecção dos animais em um período menor que 3 meses. Como o período de pré-patência dos parasitas é de menos que 3 meses, pode-se assumir que a reinfecção provavelmente ocorreu. No entanto, ao comparar os exames coproparasitológicos feitos com 1, 2 e 3 meses após o tratamento, não houve diferenças significativas de redução de parasitas individualmente, embora tenha sido observada uma tendência de menor taxa de infecção 1 mês após a aplicação dos medicamentos, em comparação aos meses subsequentes. Tal fato não nos deixa excluir a possibilidade de que o tratamento não tenha eliminado completamente os parasitas, mantendo-os detectáveis nas fezes.

O fato de uma parte dos animais se alimentar de carne crua não pode ser identificado como um fator de risco, segundo os autores do trabalho. Em contrapartida, hábitos como comer pequenos roedores, restos de comida e carne

em putrefação, foram considerados fatores de risco para os cães adquirirem ancilostomídeos e tênias. Principalmente pelo fato de pequenos roedores servirem como hospedeiro intemediário ou paratênico para *T.canis*, *Ancylostoma* spp., *Echinococcus* sp e *Taenia* sp.

Como conclusão desse importante trabalho, podemos dizer que mesmo com tratamentos regulares, os cães devem ser testados para a presença dos parasitas ou ovos dos mesmos nas fezes, já que em muitos casos pode ocorrer uma reinfecção no próprio ambiente que o animal vive. Somente 39 de 111 animais que receberam o tratamento trimestral (35,13%) não apresentaram ovos nas fezes durante o estudo.

Apesar de o trabalho ter sido conduzido em um país com condições climáticas e higiênicas sanitárias diferentes do Brasil, os achados são muito úteis para os médicos veterinários brasileiros, pois mesmo em um país teoricamente mais desenvolvido e com clima frio, os parasitas estão presentes em número considerável. Isso é mais um dado que faz aumentar a importância dessas doenças no Brasil, que possui um ambiente bem mais favorável à disseminação de doenças parasitárias. Uma parte dos animais desse estudo era proveniente de zonas rurais, que genericamente falando, podem ser comparadas as do Brasil, onde os animais também são criados soltos, caçam pequenos roedores e frequentemente se alimentam de vísceras e restos de comida. Esses hábitos expõem a população local (geralmente desprovida de atendimento médico de qualidade) à doenças que poderiam ser facilmente evitadas.

¹Médico Veterinário, Mestre em Parasitologia pelo ICB-USP.

²Médico Veterinário, Departamento Técnico, Quiron Comunicação.

Coleção Atualização em Parasitologia

Vol.1, nº 1, 2011

Acompanhamento anual da dinâmica das infecções por helmintos intestinais em cães:
uma avaliação do protocolo de tratamento trimestral

R. O. OLIVEIRA¹ & V. LESTINGI²

Discussão (continuação)

Portanto, medidas educativas com manejo ambiental, acompanhamento veterinário regular com exames coproparasitológicos frequentes e tratamento adequado ao

tipo de parasita encontrado, são ações com-provadamente eficazes no controle das parasitoses zoonóticas intestinais de cães e gatos.

Artigo analisado

SAGER, H., STEINER MORET, CH., GRIMM, F., DEPLAZES, P. DOHERR, M.G., GOTTSTEIN, B., 2006. Coprological study on intestinal helminths in Swiss dogs: temporal aspects of anthelmintic treatment. *Parasitology Research*. 98, 333-338.

Referências

- ECKERT, J., DEPLAZES, P., 2004. Biological, epidemiological, and clinical aspects of echinococcosis, a zoonosis of increasing concern. *Clin Microbiol Rev* 17:107-135
- JACQUIER P, GOTTSTEIN B., STINGELIN Y, ECKERT J., 1991. Immunodiagnosis of toxocarosis in humans: evaluation of a new enzymelinked immunosorbent assay kit. *J Clin Microbiol* 29:1831-1835
- LORENZINI, G., TASCA, T., DE CARLI, G.A., 2007. Prevalence of intestinal parasites in dogs and cats under veterinary care in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. *Braz. J. vet. Res. anim. Sci.* 44, 137-145
- MAGNAVAL, J.F., GLICKMAN L.T., DORCHIES P, MORASSIN., B., 2001. Highlights of human toxocariasis. *Korean J Parasitol* 39:1-11
- OLIVEIRA, V.S.F et al. Ocorrência de helmintos gastrintestinais em cães errantes na cidade de Goiânia-Goiás. *Rev. Patol. Trop.* 38, 279-283.
- STURCHLER, D., BRUPPACHER, R., SPEISER, F., 1986. Epidemiological aspects of toxocariasis in Switzerland. *Schweiz Med Wochenschr* 116:1088-1093
- VASCONCELLOS, M.C., BARROS, J.S., OLIVEIRA, C.S., 2006. Parasitas gastrintestinais em cães institucionalizados no Rio de Janeiro, RJ. *Rev. Saúde Púb.* 40, 321-323.

¹Médico Veterinário, Mestre em Parasitologia pelo ICB-USP.

²Médico Veterinário, Departamento Técnico, Quiron Comunicação.